



Ano 1 | # 01 | edição bimestral | janeiro e fevereiro de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

A internet e as metamorfoses do jornalismo contemporâneo

FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. (orgs.) **Metamorfoses Jornalísticas**: formas, processos e sistemas. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. 166p.

ISBN: 978-85-7578-181-4

Gerson Luiz Martins¹

O livro organizado por Ângela Felippi, Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin reúne, além dos textos destes autores, trabalhos de João Carlos Correia, professor da Universidade Beira Interior, Portugal; Carlos Eduardo Franciscato, da Universidade Federal de Sergipe e atual presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), e José Afonso da Silva Júnior, da Universidade Federal de Pernambuco.

O livro começa com uma apresentação de Ângela Felippi com o título “Metamorfoses da contemporaneidade”, onde argumenta as bases do conjunto dos artigos, ou seja, as mutações sociais, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas que acontecem no cotidiano da sociedade e que influenciam “tanto nos processos de produção da informação, como da informação jornalística”.

A argumentação de Felippi tem como base principal o que chama de “nova mídia”, a internet que construiu novos modos de “operar” e de “ser” do jornalismo”. Essas mutações na produção da informação e na constituição das mídias se refletem na esfera pública. Felippi destaca as possibilidades de interação entre a mídia e o cidadão, decorrentes da mutação tecnológica e da informação. Inúmeras ferramentas permitem às pessoas produzir informação e interagir com os produtores de conteúdo e com a indústria midiática. De certa forma, essa reflexão se coloca em discussão com as questões apontadas por inúmeros pesquisadores sobre a produção de conteúdo na

¹ * Professor do Departamento de Jornalismo e coordenador Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da UFMS. Diretor de relações institucionais do FNPJ.

internet, que compreende desde a transcrição do jornal impresso na rede até blogs, microblogs e outras possibilidades de produção da informação, principalmente de forma jornalística, ou seja, temas, assuntos de interesse geral, novidade, inusitado, polêmico e sobre economia, política, história, sociedade, cidadania e justiça.

O livro faz uma análise e traça perspectivas das metamorfoses do jornalismo, além de, em certos momentos, apontar tendências. A base do trabalho está na transformação do processo de produção jornalística, sem inferir, necessariamente, metamorfoses nos procedimentos básicos de captação da informação. Segundo a apresentação de Felippi, “o livro representa um esforço que se iniciou com uma primeira obra organizada pelo grupo de professores da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edição em Jornalismo – Ensino, Teoria e Prática, 2006), que agora se incumbe de sistematizar esse outro conjunto de textos para suscitar mais um debate em torno do jornalismo”.

Uma questão se coloca sobre a apresentação de Felippi: como se dá interação do campo do jornalismo com os outros campos? Essa perspectiva ou possibilidades de interação ficou ausente. Embora se trate de outro tema que demanda uma longa reflexão, apontamentos nesse sentido seriam interessantes na apresentação.

O texto de João Carlos Correia, com o título “Breve análise da relação entre o discurso jornalístico, o conhecimento e a política”, trata do conceito de pós-modernidade e suas implicações. Destaca que em Portugal, teoria do jornalismo e teoria da notícia são conceitos equivalentes, e teoria da notícia trata também de conceitos como espaço público, ideologia, poder e dominação. Mas o autor se perde em conceitos, o que provoca, às vezes, confusão nas afirmações ou teses. Correia afirma que “a simples revisitação dos conceitos e a revisão de literatura” não são suficientes para “superar as dificuldades de compreensão do fenômeno jornalístico e, em particular, das suas interações com os cidadãos na vida pública”. Correia considera que a teoria do jornalismo é relevante para a epistemologia do jornalismo.

Para compreender a metamorfose do jornalismo, o autor aborda a esfera pública contemporânea como um espaço “profundamente mediatizado, onde a política se torna irremediavelmente relacionada com as práticas discursivas dos *mass media* em geral, e do jornalismo em particular”. Quando pensado na narrativa dos fatos, jornalismo é também forma de conhecimento e meio para educação social, política, econômica. Correia ainda destaca que o espaço público é “fragmentado pela explosão de identidades e pelas novas tensões entre o global e o local”. As relações no espaço público para definir as mudanças sociais são complexas e por isso “a exigência de um espaço puramente racional não é empiricamente sustentável nem sequer eficaz”.

Nas constantes mudanças do cotidiano, o jornalismo funciona como mantenedor do *status quo*. Conforme o prefácio de Alfredo Vizeu, Correia argumenta com propriedade e “defende que o jornalismo tem a função de procurar criar espaços de mediação entre as várias formas de conhecimento, manter a distância em relação aos interesses, tornar próximos e acessíveis ao senso comum dos cidadãos, funcionando assim como uma espécie de enunciador pedagógico”.

Um destaque da reflexão de Correia e que perpassa a indústria midiática é a imposição da ideologia do senso comum. A busca pela linguagem coloquial, pela compreensibilidade pode afetar o desenvolvimento da sociedade, embora essa seja uma regra básica do jornalismo. Correia também destaca em seu texto a importância da formação superior em jornalismo quando afirma a necessidade de que “os jornalistas tenham uma independência cada vez maior relativamente aos que ocupam uma posição forte na relação contratual”. E por fim, enfatiza que “o profissionalismo consiste na autonomia desejável e possível de uma profissão nas condições de funcionamento de um determinado campo”.

O texto de Carlos Eduardo Franciscato, “A temporalidade das práticas enunciativas nas novas formas do jornalismo online”, faz uma reflexão sobre a mudança do tempo do leitor pelo jornalismo, acentuado pela produção e noticiização na internet. Franciscato, numa citação de Gomis (1991), afirma que “os fatos jornalísticos são atuais na medida em que contribuem para o desenvolvimento da consciência dos leitores e os capacitam a agir”. Enfatiza ainda que o tempo do jornalismo seja o tempo que o leitor expande, seja na repercussão das notícias ou na conversação sobre os fatos noticiados. O autor citado por Franciscato – Gomis – define notícia como “a expressão jornalística de um fato capaz de interessar até o ponto de gerar comentários... capaz de gerar repercussões”. Nesse aspecto, aponta o texto de Franciscato, “com os aparatos tecnológicos e interacionais (geram) mudanças de padrões, procedimentos e concepções existentes até as últimas décadas”.

Franciscato afirma que a “internet tem modificado relações temporais na sociedade, particularmente aquelas que se referem ao jornalismo”. A mudança da temporalidade, do tempo presente com o advento da mídia tecnológica transforma o ritmo da vida cotidiana, incluso o processo de produção da notícia, que não mais obedece ao plano de fechamento dos jornais (impressos) no final do dia ou início da noite. Essa perspectiva é apontada por Franciscato quando diz que “a digitalização crescente de dados e produtos simbólicos e a interligação da sociedade em redes de comunicação nas últimas décadas do século XX vêm marcando um novo modelo informacional de estrutura e organização social, produzindo alterações drásticas na experiência social do tempo”. Nesse modelo tecnologicado ou digitalizado há uma fragmentação da informação, o que pode reforçar a ideia de efemeridade da notícia, afirma o autor.

Assim, há uma novidade a cada instante, a cada minuto, a cada segundo. Um proprietário de ciberjornal determina aos seus repórteres que a cada três minutos, obrigatoriamente, seja inserida uma notícia no portal jornalístico. Essa situação cria a ilusão de um portal com muitas notícias, um exuberante rol de fatos, quando na realidade muitas dessas notícias são repercussões ou atualizações de outras publicadas anteriormente.

Interessante destacar o entendimento de “tempo real” no jornalismo online (ciberjornalismo) para o autor. Diz Franciscato que “a competência do tempo real jornalismo online não está na velocidade de uma transmissão instantânea, mas na forma

como esta é operada dentro das competências específicas deste suporte, como a sua capacidade técnica e interpretativa de estabelecer relações (links) entre os conteúdos específicos dos fatos e informações diversas complementares, permitindo ao leitor opções de contextualização de um evento com situações diferenciadas, estejam elas ocorrendo no tempo presente ou em tempos passados próximos”. E afirma ainda o autor que “com a mídia online, modifica-se a relação de periodicidade do leitor com o suporte”, que influencia o comportamento do leitor. Franciscato ainda passa pela produção de informação, jornalística ou não, realizada pelos blogs, como forma dinâmica de produção de conteúdo, que faz e proporciona uma situação inusitada para o processo de produção da notícia.

A participação do tempo do leitor e as possibilidades de produção, ou melhor, publicação autoral inflige um tempo diferente do produto jornalístico. A primeira “notícia” sobre o acidente com o avião da US Airways em Nova York foi publicada por um cidadão por meio de um celular modelo smartphone (iPhone). A ferramenta Twitter foi e é utilizada intensamente seja no conflito na Faixa de Gaza ou na posse do presidente Barack Obama. Conteúdos esses que, posteriormente, são utilizados pela indústria midiática nas mais diversas formas e até mesmo para promover algum “furo” jornalístico. Franciscato reforça, citando Bradshaw (2007): “o fator que definirá a natureza jornalística de um conteúdo (se num meio tradicional ou num blog) é o modo como eles seguem os princípios e a ética do jornalismo, o que irá gerar credibilidade jornalística ao conteúdo”. E destaca também que “estas modalidades recentes de atividade jornalística na internet (seja em blogs ou em sites de jornalismo participativo) ampliam as possibilidades de experiências temporais do jornalismo”. E finaliza: “é neste horizonte impreciso, de potencial revigoramento das dimensões discursivas, que pode se localizar uma nova dimensão da atualidade no jornalismo”.

O texto de Demétrio de Azeredo Soster – “Jornalismo midiaticado: uma mídia na frente do espelho” - faz uma reflexão sobre o que ele chama de midiaticação da sociedade; segundo Soster, há uma autoreferência no processo jornalístico que determina novos padrões de análise. Soster também faz uma reflexão sobre “a mídia falando com a própria mídia”. A metamorfose entendida por Soster determina que “compreender o fenômeno da midiaticação jornalística implica necessariamente observarmos a notícia em sua materialidade também no que ela gera em termos de construção fenomenológica na intersecção entre os dispositivos”. E complementa que “alguns tipos de acontecimentos parecem ser capazes de deflagrar com mais intensidade a processualidade da midiaticação. Ao fazê-lo, os jornalistas deixam sua condição de vetores para se tornarem também eles midiaticáveis”.

Num sistema complexo de produção jornalística, diria, de profusão da informação, da notícia, a autoreferência é constante e pode gerar, como vários fatos comprovam (anúncio da doença do presidente da Apple, Steve Jobs – falso – que provocou a queda do valor das ações da empresa). Soster cita Marcondes Filho e aponta, na classificação deste autor, o que chama de “quinto jornalismo”, o jornalismo midiaticado. Segundo Soster, “este jornalismo se inicia em 1995 com a transposição dos jornais para a

internet, e mais tarde se personifica na consolidação dos webjornais e dos blogs como novos suportes à atividade, tendo como característica principal a auto-referencialidade”. E destaca ainda que “os dispositivos fazem isso desde há muito tempo, é verdade, mas há uma diferença: ainda que, nesse caso, e principalmente por ocasião de coberturas fora do alcance físico dos jornais e emissoras, valha-se de conteúdo produzido por outros veículos, a internet amalgamou essa estrutura de forma que ela passa a operar, quando lhe convém, em uma perspectiva autônoma em relação ao ambiente externo”.

Fabiana Piccinin, no capítulo denominado “Real porque é ‘ao vivo’: a tecnologia no lugar da notícia no telejornal”, apresenta uma nova realidade do jornalismo televisivo que é influenciado pela internet e que busca atender a uma perspectiva de serviço e de entretenimento. A tecnologia no lugar da notícia determina um interesse maior pelas formas de transmissão e uma tentativa de “furar” e se garantir na preferência da audiência em relação à produção de notícia na internet. Para isso, a mídia televisiva busca a integração com a internet. Ficou muito caracterizado, nestes últimos meses, a fala do âncora do Jornal Nacional no final de cada edição: “O Jornal Nacional não termina aqui; ele continua 24 horas na internet”.

Piccinin, em sua reflexão, elege, portanto, a televisão, o telejornalismo. Diz que “a televisão assume lugar central na sociedade contemporânea em sintonia com a sobrevalorização do instantâneo, do presente e do veloz que marcam o tempo atual”. Essa perspectiva do visual que a televisão utiliza, além do instantâneo e do veloz, segundo Piccinin, vai ao encontro da “substituição da preocupação política pela preocupação econômica, os jornais ficaram mais sensacionalistas e investiram nas capas, em manchetes, nos logotipos e chamadas de primeira página para vender mais”. A autora afirma, na metamorfose do jornalismo, que “a prioridade, assim, é a cena perfeita, depois, um texto, uma narrativa, uma notícia”.(...) “Uma melhor montagem cênica de notícias e acontecimentos, com efeitos como se fossem reais”.

Em determinado ponto do texto, Piccinin é consonante com Soster ao afirmar que “os diferentes *media* se autoestimulam. Quanto mais falam de um assunto, mais se convencem coletivamente de que o assunto é indispensável”. Além dessa autoreferencialidade, Piccinin afirma que “a produção da notícia, portanto, caminha cada vez mais para um ‘show’ e, na TV, precisa encantar”. E destaca que “ao ser afetado pelas mudanças do jornalismo da era tecnológica, o telejornal também entra na esfera da relativização da sua própria natureza, fazendo o jornalismo de televisão caminhar para uma formatação cada vez mais orientada pela prestação de serviço e pelo entretenimento”.

As características do jornalismo contemporâneo promoveram a alteração do modelo de representação do telejornal, o que gerou certa confusão entre o que é entretenimento e o que é jornalismo, notícia. A autora lembra que “o reconhecimento da incorporação desses recursos tecnológicos, especialmente dos que dizem respeito à virtualização das informações, faz, no entanto, compreender que a televisão e o telejornalismo atravessam um momento muito particular. As condições tecnológicas de digitalização das informações e dados vão fazer da TV o meio de comunicação que não só influencia e exerce dominância dentro do sistema midiático a partir de um certo padrão

tecnostético, como já se disse, como também passa a sofrer a influência de outros media, neste caso a internet, ao incorporar características relacionadas à rede”.

O capítulo “Jornal: novos cenários, novas estratégias”, de Ângela Felippi faz uma reflexão sobre o processo de regionalização do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, um estudo de caso em que a autora avalia as condições do processo de localização do jornal em busca, para o desenvolvimento de um regionalismo e de uma identidade bem definidos na relação entre o leitor e o “seu” jornal. Nesse processo há busca de uma adesão ideológica importante para a sobrevivência dos *medias*. O texto de Felippi apresenta as várias mudanças realizadas pelo jornal Zero Hora, desde a contratação, em 2003, do ex-chefe da Casa Civil do governo FHC, Pedro Parente, até as reformas gráficas e editoriais realizadas no período.

Um destaque para essas reformas está na passagem de Augusto Nunes, entre 1989 e 1993, que fez o jornal atingir a marca de quinto jornal em leitores do país. “Nunes refez o projeto gráfico e editorial do jornal, decretou o fim do duplo-emprego, exigiu exclusividade dos jornalistas, tornou obrigatória a formação superior para as funções da área jornalística”. Felippi destaca, em consonância com Piccinin, que as reformas que Nunes introduziu na redação “um jornalismo muito mais voltado para o entretenimento e para a prestação de serviço, denotando uma preocupação com a publicidade”. Houve um acúmulo de funções: “o mesmo profissional pode apurar, redigir, diagramar, editar, fotografar”. No que diz respeito ao regionalismo implementado por Zero Hora, Felippi destaca a participação do leitor no processo de produção, o que o faz “pertencer” e a se identificar com o “seu” jornal. Além disso, essa identidade acontece pela valorização da cultura local, facilitado pelo perfil autóctone da população gaúcha. Felippi destaca que “o jornal devolve para o social um modo de se ver como sujeito e como pertencente a determinado espaço físico, social e cultural”.

O último capítulo do livro é de José Afonso da Silva Júnior e tem como título “Entre a permanência e do desvio: continuidade, rupturas e potencializações nas agências de notícias”. Vizeu, no prefácio do livro, destaca que o texto procura demonstrar “que nem todas as características identificadas no jornalismo na ‘web’ representam aspectos realmente novos”. O autor lembra que muitos deles já existiam em outras mídias e que sua utilização no novo suporte são revestidas de atualidades.

Afonso Júnior destaca que somente com a internet, as agências começam a dispor conteúdo diretamente para o leitor final. Esse procedimento demanda uma metamorfose jornalística quando se refere ao trabalho das agências de notícias, objeto de sua pesquisa e trabalho, pois até então toda a produção jornalística das agências somente era distribuída às empresas midiáticas por meio de assinaturas do serviço. Essa realidade muda o perfil e o comportamento das agências. E no trabalho de distribuição da informação pelas agências, em sua maior parte realizado de forma eletrônica, indica que as características de processamento da informação pela web existia. Segundo Afonso Júnior, “o que aproxima e torna possível a análise é que se tratam ambos (o jornalismo na web e as agências) de práticas de circulação de informação em modelos de redes tecnológicas”. Destaca ainda que “o que diferencia os jornais na web das agências são

três aspectos: a projeção de características de formatos precedentes, a configuração no uso da rede, a orientação da disponibilização de conteúdo”.

Afonso Júnior observa também que com essa metamorfose, as agências passam a ser mais do que distribuidoras de notícias: tornam-se distribuidoras de informações. Destaca ainda que as tecnologias nas agências superam o suporte web, pois as informações são distribuídas para o impresso, o eletrônico e o digital, com linguagens distintas. Afonso Júnior distingue entre o que chama de material de caráter *hardcopy* e *softcopy*, “como material *hardcopy* temos conteúdos que seguem uma lógica menos flexível, em que, mesmo sendo produzidos em bases digitais, têm como destino formas culturais não necessariamente digitais. No caso de conteúdos preparados para a internet, temos o que se pode caracterizar como sendo conteúdo *softcopy* – um material para ser usado em contextos digitais, já com um tratamento que envolve, por exemplo, links, matérias relacionadas que tenham eventualmente sido publicadas, etc”.

Outro fator para o qual o autor chama atenção no texto é a descentralização da produção e/ou distribuição de conteúdo. Segundo Afonso Júnior, “a descentralidade indica não necessariamente uma descentralização total e sem hierarquias, mas a ocorrência de vários centros, com autonomia relativa e capacidade de coleta de informações”. O autor menciona também que “na interação das agências comerciais com a internet, há a presença mais óbvia de duas alternativas: o uso da rede como canal adicional de entrega de conteúdos e a abertura de um novo mercado para assimilação dos informes”. O texto de Afonso Júnior, no final, comenta que a “explosão da bolha (ponto com) impediram, de certo modo, que as agências canibalizassem mercados locais de notícias”.

Metamorfoses jornalísticas: formas, processos e sistemas é uma importante contribuição para compreender as mudanças do jornalismo, da produção jornalística e dos processos de distribuição da informação. Os artigos que compõem o livro foram reunidos de forma perspicaz e oferecem, sob os diversos aspectos abordados, uma boa avaliação das metamorfoses do jornalismo em tempos de internet. É recomendado para todos os professores, pesquisadores, profissionais e estudantes de jornalismo. Importante mencionar que o avanço rápido e denso das tecnologias da informação e da comunicação implicam num novo jornalismo. A compreensão dessa realidade é um valioso artifício para o desenvolvimento do jornalismo e para que cumpra, de forma eficaz, com o seu papel social. Conhecer, entender e se conscientizar dessas “metamorfoses” é condição essencial para que o processo de produção no jornalismo, o fazer jornalístico, o “ser” jornalista seja eficiente e tenha, por assim dizer, sucesso. Essas “metamorfoses” são desafios constantes. Não como parar, talvez nem mesmo como intervir de forma mais contundente. É uma gigantesca marola que arrasa, no sentido de modificar, com todos os que estão envolvidos no campo jornalístico.

